MANIFESTO METAFÍSICO

O mais pobre dos pobres, o mais difícil dos difíceis

DE ONDE VIEMOS

Recebemos tudo:

O suficiente do que precisamos para sobrevivência física e conforto neste mundo, mais um suprimento ilimitado de entretenimentos deslumbrantes, hipnóticos e de alta tecnologia, produzidos por uma indústria de mídia corporativa multibilionária, na qual empresas competem entre si para sugar o seu público-alvo mais lucrativo, adolescentes com uma renda discricionária, dinheiro que eles gastam em entretenimento em vez de sobrevivência.

Não recebemos nada:

Nenhuma verdade, nenhum significado para nossa existência aqui na Terra, nenhum Deus.

Nenhuma compreensão do que está além deste mundo, de modo que tudo o que fazemos neste mundo parece apenas temporário, sem propósito final.

Nenhum progenitor, ou apenas um progenitor, ou dois progenitores sem resposta.

Nenhum amor. Porque amor sem Deus é apenas carnal, incluindo o parental.

Nada para nos manter juntos quando achamos que encontramos o amor. E, no final, descobrimos que estávamos sozinhos.

Nenhuma vida. Apenas energia bruta, energia nervosa, que não é vida.

Uma lista de coisas a fazer e a não fazer, sem nenhuma razão final para por que devemos fazer uma coisa e não a outra. Mas, mais frequentemente, sem limites. "Sem Deus e imortalidade, tudo é permitido" – Dostoiévski.

ONDE ESTÁVAMOS?

Rastejando para fora dos escombros do movimento hippie, que deveria transformar o mundo em uma utopia, mas tropeçou em sua camiseta tie-dye e caiu de cara no chão. O movimento hippie foi o último suspiro da contracultura para criar o paraíso na Terra. Quando falhou, vimos que não havia esperança e, portanto, não adiantava tentar. Vivendo em desespero. Saboreando a dor, porque a dor era a única coisa que sabíamos que era real, em um mundo falso.

Glorificando nossa pobreza. Em uma sociedade que venera a juventude, a beleza e a riqueza, escondemos nossa juventude e desfiguramos nossa beleza, vivemos pobres e em rebelião contra esses valores superficiais deste mundo.

Cavando na sujeira. Procurando na sarjeta por algo real, porque arranha-céus, fábricas, supermercados, lojas de departamento

e redes de restaurantes eram templos da morte. Talvez do lixo – as pessoas que não se encaixavam na sociedade – ouviríamos uma palavra de verdade. A sujeira nos marcou, queimou nossa pele como enxofre, mas nunca chegou às nossas almas.

Tentando, em nossa rejeição ao mundo, preservar nossa inocência e infância. E é por isso que a sujeira nunca chegou às nossas almas.

Experimentando a insanidade. Porque o que nossa sociedade considera são é, na verdade, insano. Talvez a insanidade possa nos levar a um vislumbre das coisas como elas são.

Unindo-nos. Privados de uma família real, vivendo em uma sociedade que venera o indivíduo, que venera a si mesmo através do ícone do espelho formamos nossas próprias famílias de desajustados, unidos contra o mundo. Tentando ser honestos.

Acima de tudo. Tentando ser quem somos, não o que nos disseram que deveríamos ser.

Fazendo qualquer coisa para não nos vendermos. Mas nunca conseguimos descobrir quem realmente éramos, porque não aprendemos com ninguém que poderíamos ser algo mais do que animais com cérebros altamente desenvolvidos. Porque ninguém ao nosso redor havia subido acima desse nível.

ONDE ESTAMOS?

Somos tudo o que já fomos, mas agora tudo mudou:

Ainda não temos esperança de um paraíso na Terra, pois sabemos que este mundo acabará. O paraíso não está nesta Terra, mas sim nos corações das pessoas que amam a Deus.

Ainda sentimos dor. Ainda a abraçamos e não nos afastamos dela. Mas agora essa dor é transformada em algo puro e belo pela agonia da Cruz, que vence a morte. E o amor que sentimos – quando sentimos a dor do outro – nunca morre.

Ainda não damos valor aos valores superficiais deste mundo, juventude, beleza e riqueza, porque todos eles apodrecem. Mas agora não precisamos sair do nosso caminho para nos tornarmos feios. Temos a aparência que Deus nos fez para ter, e não fazemos mais nada a respeito.

Ainda cavamos em nós mesmos para encontrar a sujeira, mas agora é para erradicá-la, aniquilá-la e, assim, nos preparar para o outro mundo.

Ainda nos esforçamos, em nossa rejeição deste mundo, para preservar nossa inocência e infância. E agora, por meio do trabalho interior em nosso ser mais profundo, temos os meios para fazer isso.

Ainda nos unimos contra o mundo. Temos uma nova família, composta por aqueles que são desajustados em nossa sociedade e que rejeitam a adoração dessa sociedade ao indivíduo.

Ainda somos considerados loucos por este mundo, que não consegue entender nossa sanidade.

Ainda nos esforçamos para ser honestos, para ser nós mesmos: não o que nossa sociedade, que está indo para o inferno, nos diz para ser. Recusamo-nos a nos tornar escravos da história, da moda, da opinião pública ou das instituições terrenas.

Nós nos esforçamos para ser o que fomos destinados a ser. Mas agora sabemos que não somos meros animais, mas fomos criados para a eternidade. Vemos a prova de nossa imortalidade quando damos e recebemos amor: um amor que não é mero amor humano, mas algo acima da natureza e sobrenatural, e que sabemos que nunca pode passar com a morte. Neste amor

há uma intensa dor de coração, conhecida em silêncio, que o mundo nunca pode entender.

PARA ONDE VAMOS?

Para o Céu, mas não sem suor e sangue, auto-sacrifício, auto-renúncia e dor no coração, sempre lembrando que "O Reino dos Céus é tomado pela violência, e os violentos o tomam pela força."